

Em Memória de Aureliano

É verdade que os prémios não se agradecem, mas o facto de ser atribuído o 'Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho' a um novo livro, depois de o ter já recebido em 1994 com a narrativa **Livro de Horas** (Memorial de Odivelas), justifica algumas palavras de circunstância, não só por saber reconhecida a qualidade do livro que sujeitei à apreciação do júri na edição deste ano, mas sobretudo porque se trata de uma narrativa ficcional que atravessa por dentro, em comovida memória e homenagem, o itinerário do Poeta e Escultor Aureliano Lima (1916-1984), de quem fui bom amigo e companheiro de todas as horas ao longo de quase trinta anos.

De facto, ao contrário de outros livros que tenho publicado (e entre eles se conta **Livro de Horas**, em que de forma desenvolva e intencional pude falar do tempo de el-rei dom João quinto e dos amores de madre Paula de Odivelas), esta narrativa **O Poeta e a Pedra** percorre outros caminhos mais próximos de nós e descreve os aspectos primordiais da vida e obra de quem, nascido em Carregal do Sal, deixou as paragens de Lagares da Beira e de Nelas para se radicar em Coimbra e aí ter convivido nos anos 40 com os poetas e escritores que forjaram a sua própria universidade, como Afonso Duarte, Paulo Quintela, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Eduardo Lourenço ou Mário Braga, para em finais de 1950 se instalar no Porto e em Gaia ter consolidado a sua obra de escultor e poeta em mais de quarenta anos de vocação e de trabalho.

Na verdade, desde os seus primeiros retratos (Antero, Camilo, Torga, Afonso Duarte ou Pascoaes), onde soube captar o lado mais oculto de quem desejou fixar no gesso ou no bronze, Aureliano Lima manteve as mesmas preocupações estéticas nos limites da própria realização: fazer uma obra que, dentro das tendências vanguardistas da moderna escultura, fosse no essencial a forma, o modo e o tempo da sua própria linguagem plástica: na escultura, na pintura e na poesia. Aí se assumiu por inteiro e em plena coerência: ao longo de muitos anos de experiência (ou de servidão), essa obra revelou-se em si e por si mesma, passou realmente a existir, revela ainda hoje a clara singularidade de ocupar um lugar preponderante na arte portuguesa do nosso tempo, como ainda em Setembro último aconteceu com a exposição de esculturas em ferro na Galeria Municipal da Amadora e no âmbito da V Bienal de Escultura.

Um pouco na linha ficcionista de Jorge Luis Borges, num misto de narrativa e de ensaio biográfico, mas talvez mais à sombra tutelar de André Malraux e das suas *Vozes do Silêncio*, julgo que pelas páginas de **O Poeta e a Pedra** se pode descobrir esse fio indizível que escorre de um diálogo coerente do que foi o suporte da sua arte, por entre sobressaltos e algumas dúvidas, porque a vida se cumpriu como destino no seu modo pessoalíssimo de estar na arte ou entender uma 'poética das formas' como espaço criado e inventado para ocupar depois outros espaços: o eterno retorno, o mito e o sagrado, o rigor, a certeza da própria descoberta, o acto de pensar e fazer, o mármore e o ferro, o poema e a pedra. E assim posso também dizer com Eduardo Lourenço, que foi seu amigo de muitos anos, que '*o que era visível em Aureliano, no jovem amigo de andanças comuns e no companheiro reencontrado pouco tempo antes da sua morte, era a presença intacta do seu fervor e do seu amor pela aventura da criação, o traço vivo do 'rio subjacente' que o acompanhou sempre e lhe conferiu um destino de Artista e de Poeta*'.

Por mim, o que mais me importou nesta narrativa, agora galardoadada com o 'Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho', foi trazer à luz do dia um Poeta e Escultor como Aureliano Lima que fez da sua obra uma 'arte de silêncio' no silêncio do atelier, anos e anos a fio, suportando a cada passo muitos amargos de boca, mas sem deixar de persistir no caminho dessa sua vocação. Por isso, se outra coisa não quisesse ou não puder exprimir, **O Poeta e a Pedra** é uma narrativa de ficção claramente intimista e poética em que percorro os rios e lugares que foram do seu trajecto pessoal e, em memória do rei-trovador, ser o modo próprio de *saber novas do meu amigo* e de longe, no cemitério de Mafamude onde ficou sepultado, ainda o ouvir cantar:

*Sejamos nós domingo: sejamos
alegria das 'flores do verde pino'
- ó Dom Dinis - 'ai, Deus, e u é...'
Tu no passado: eu aqui
neste metal fundido. Com
aviões de esperança na praxis
do espaço - com higrómetros e
sons na rota de carbono.
Quem dera que a vida
fosse pura: aqui e em
toda a parte.*

Palavras proferidas na entrega do Prémio Literário MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Biblioteca Dom Dinis (Odivelas), 10.Dezembro.1997.

Serafim Ferreira